

Nota da editora convidada

A tradução é a materialização de redes de relações. Vista como um evento, carrega marcas de corpos, vozes, e experiências. Como artefatos, traduções são, elas mesmas, marcas de relações ao se materializar em linguagem, oferecendo-nos espaços para mapeá-las. Para além do texto, como uma teia e em sua natureza caótica e desordenada, a tradução é um local que congrega agentes, instituições, textos e estratégias “no mesmo mapa de culturas”, de modo que suas relações se detectam “na forma de redes complexas” (Tahir Gürçağlar 727).

As traduções e outros textos e paratextos constituem parte do “arquivo da tradutora” permitindo-nos rastrear a presença do sujeito tradutor. O “arquivo da tradutora” é um conceito que envolve os textos, paratextos, e afirmações da tradutora, o seu corpo de trabalho - publicados ou não, isto é, os vestígios materiais de uma tradutora. Para além da materialidade, o “arquivo da tradutora” também vai designar “uma formação discursiva e uma composição dinâmica e orgânica [...] que não é limitada à materialidade textual do arquivo, mas inclui as biografias da tradutora, suas práticas, as agentes envolvidas no evento tradutório, e as relações entre si” (Guzmán 6-7). O arquivo da tradutora pode e deve ser estudado de vários ângulos, seja pela análise linguística, cultural, sociológica, constituindo, nesse sentido, um campo frutífero para abordagens transdisciplinares.

Nesta edição da *Tusaaji*, procuramos investigar as marcas que podem ser encontradas na e através da tradução. A edição se inicia com o estudo de **Marella Feltrin-Morris** sobre os desvios da norma a partir dos prefácios de tradutores d'A *Divina Comédia* de Dante, em que ela explora a escrita prefacial como espaço singular que pode revelar as autênticas vozes das tradutoras. **Carline Cunha Ramos Quaresma** aborda a posição diferenciada de Kaká Werá Jecupé, autor e tradutor indígena, que atua como mediador, deixando marcas múltiplas no contexto cultural brasileiro através de seus livros sobre os mitos ancestrais do povo Guarani. **Ceyda Elgül** investiga a tradução e a escrita biográfica como atos homólogos de representação e rastreia as subjetividades de dois biógrafos de Borges através de seus livros e dos paratextos que os cerca.

Alexandra Hillinger enfoca a terceira tradução para o inglês do romance *Les Anciens Canadiens*, como produto da iniciativa individual de sua tradutora, Jane Brierley, concentrando-se tanto no prefácio da tradutora, quanto nas interações entre ela e o Conselho de Artes do Canadá. **Sanjukta Banerjee** analisa os relatos franceses de viagens à Índia multilíngue no século XVIII e investiga as marcas neles deixadas pela figura decisiva do tradutor/intérprete nativo. Por último, **Beatrijs Vanacker** destaca a relação histórica entre gênero e tradução. Focaliza três escritoras/tradutoras do século XVIII que recorreram à tradução e pseudotradução e seus paratextos para afirmar sua autoria em um campo literário fortemente dominado por homens.

Por fim, o poema "Korku", do poeta turco Enis Batur, apropriadamente traduzido para o inglês por Saliha Paker, sob o título "Fear", captura um momento no tempo, sublinhando os traços poéticos e visuais de conversas entre um grupo de artistas e poetas, na memória do poeta.

Obras citadas

- Gürçağlar, Şehnaz Tahir. "Chaos Before Order: Network Maps and Research Design in DTS." *Connecting Translation and Network Studies*, edição especial da revista *Meta*, vol. 52, n.º 4, 2007, pp. 724-743.
- Guzmán, María Constanza. "Translation North and South: Composing the Translator's Archive." *Traduction et conscience sociale/Translation and Social Conscience: Around the Work of Daniel Simeoni*, edição especial da revista *TTR : traduction, terminology, rédaction*, vol. 26, n.º 2, 2013, pp. 171-191.